



O Sagrado e a Ritualidade Diante da Morte

The sacred and the rituality when facing death

João Batista Alves de Oliveira

Médico Clínico Geral
atuante em Cuidados Paliativos

Morrer, expressão fria, não inspiradora, devastadora de sonhos, de amores. Certeza única em nossa vida. Ocorre, mais cedo ou mais tarde, de forma branda ou arrebatadora, sutil ou amargurante, suave ou sofrida.

Momento em que precisamos agir de determinado jeito para elaborarmos e vivermos a perda, acompanhando a despedida de quem nos é caro e para convivermos adequadamente com a fase do luto. Aí se faz importante a realização do ritual, o qual andou se perdendo na atualidade, não valorizado pela frieza asséptica da morte moderna e que precisa ter retomado o seu valor, já que “... realizar a ação ritual significa conter o pensamento dentro das malhas da ação clara e significativa”.¹

Não se pode atribuir uma fórmula ou um valor fixo ao rito, mas é certo que não é inútil. Ele representa a nossa história: quem somos, de onde viemos, para onde vamos, porque amamos e também, porque ali, no rito de morte, estamos sofrendo. É o momento de olharmos para aquele de quem nos despedimos e nos enxergarmos nele; de repensar o valor de nossa história, a intensidade do nosso amor, os caminhos e descaminhos de nossa vida juntos.

Todo rito de morte, quando esta ocorre lentamente, como no caso de doenças prolongadas, nos prepara para a vivência do luto. Isso é fundamental, pois “o rito equivale a uma ação formal prescrita para ocasiões que vão além da rotina cotidiana teológica, correspondendo uma referência à crença em seus poderes místicos”.¹

Nesse momento, precisamos dessas crenças, de apegarmo-nos ao Sagrado, independente da concepção que cada um faça deste.

Diante da morte a religiosidade pratica rituais milenares como auxílio espiritual, ao enfermo e à família, basicamente através da força sagrada (rito de consagração) e da imposição de mãos, cujo sentido é

Correspondência:
João Batista Alves de Oliveira
Rua Amador Bueno 45
Centro – Caçapava SP
CEP 12281530

*“por isso, quero exortar-te a reavivar o carisma que Deus te concedeu pela imposição de minhas mãos”.*² Outro é a unção, quando *“a pessoa é tocada com um óleo previamente consagrado, símbolo do espírito, da luz e também da flexibilidade. Uma unção de óleo é o que torna o corpo flexível e aberto a esse Sopro novo que inspirará o moribundo para outra dimensão”.*³

Diante da dor, sofrimento, desespero *“o rito reduz o medo e a ansiedade ou agiria como elemento de catarse nessas circunstâncias em que o homem corre o risco de perder o seu equilíbrio e sua integridade mental...”*¹

Não podemos querer buscar um entendimento lógico e horizontal para o rito, especialmente porque vivemos em uma sociedade com diversas etnias e culturas e em um mundo modernizado, com outros padrões, por vezes não tão arraigados de religião e tradições. Um mundo avesso ao sentimento, à interioridade e à inter-relação pessoal, muito especialmente diante do sofrimento.

Para cada um o rito vai ter um significado diferenciado, mesmo que a emoção do momento converta para um sentimento uníssono. Essa é a hora de reconhecer que *“o rito não é uma reação à vida, mas uma reação àquilo que o pensamento fez da vida”.*¹

Não é possível interpretá-lo de forma generalizada, nem mesmo quando buscamos a resposta em nosso interior, já que *“o rito não é interpretável a partir de fora nem de dentro, porque constitui uma vivência muito pessoal. É espelho de um acontecimento total onde a realidade e a ação fazem um todo único com a pessoa ou o grupo que a realiza, sem que se possam distinguir as motivações e a ação, o gesto e o grupo, o mundo externo e o mundo interno”.*¹

Dentre todos os ritos que possam ocorrer diante da morte, talvez o mais crucial seja o do sepultamento. Mas este *“contribui para afastar forças centrífugas de desagregação, e as pessoas se esforçam para manter a ‘integração’, que compreende ao mesmo tempo, a vitória da tradição e da cultura, por meio das quais se recupera a ordem estável, no nível intelectual e emocional, capaz de dominar todos os eventos desfavoráveis”.*¹ Aqui devemos pensar, então, em o quanto a falta de um corpo físico para a realização do sepultamento (como em morte por catástrofes, grandes acidentes com mutilação ou carbonização dos corpos) pode ser difícil, o que busca ser atenuado através do sepultamento, mesmo com urna lacrada com restos mortais identificados.

Nossa cultura, predominantemente oriunda do catolicismo, tem agregado a seus ritos, mesmo os de morte, a música. Talvez baseados nas frases “Nada Brahman” (Deus é som) e “Kata phúsin mousikós Theós” (Deus é música por natureza).¹

A música nesse rito, talvez sirva como um pedido a Deus para que receba o falecido com alegria, ou transmita o amor compartilhado, ou procure dizer que a tristeza do momento não apagará o tudo de felicidade que a vida ofereceu.

Antigamente, com a morte ocorrendo em casa, com a proximidade médico-padre os ritos se iniciavam precocemente quando de uma enfermidade grave e incurável; o próprio moribundo presidia o ritual.

A modernidade trouxe a morte fria e asséptica dos hospitais, com o indivíduo longe dos seus. A música foi abolida e os sons incorporados foram os de bips e alarmes de

aparelhos eletrônicos que monitoram a vida biológica.

A morte escondida nos hospitais, silenciosa, impõe poucas expressões de sentimentos. Tornou-se um evento biológico com hora marcada, o qual é tecnicamente conduzido e encerrado. Não permite ritos.

Ocorre apesar de medidas “heróicas”, confirmada por um traçado isoeletrico, registrada pontualmente quanto ao horário, com o falecido rapidamente removido para outras dependências, como se a morte tirasse dele, abruptamente, o direito de permanecer no quarto do hospital. À família só cabe receber a notícia do médico e ir à funerária acertar os detalhes. Manifestações emocionais ou qualquer ritualidade será permitida fora do hospital para não perturbar os vivos. Essa quebra do simbólico mostra a inabilidade em se reconhecer que o corpo biológico não é tudo.

Estar diante daquele que está morrendo ou que já morreu significa dar amor, o que não deve ser tolhido, cerceado, impedido, ou só permitido de “*forma escondida*”, pois “*esse tratar com amor significa confrontar-se com a vida toda*”.⁴

Cada um participará desses ritos de morte com a intensidade pertinente à intenção e ao valor de sua relação com o falecido. Também muito especialmente baseado em suas crenças pessoais.

A ritualidade, nesse momento, tem algo superior a conceitos teóricos, a definições de estudiosos ou a divergências de crenças religiosas. Relaciona-se muito mais com a interação com o Sagrado, quando então parece adquirir uma incompletude, pois sempre quer dizer algo a mais, “*algo que a própria contextualidade não consegue dominar inteiramente*”.¹

Independente de questões de religiosidade, a espiritualidade é sempre forte diante da morte, buscando, o moribundo e os que o rodeiam, a força do Sagrado que “*é a experiência do divino que fazemos neste mundo... Não temos condições de apanhá-lo e, todavia sentimos que somos apanhados, somos incapazes de exprimi-lo e, no entanto lhe sentimos a força intrínseca e o valor, não podemos reconhecê-lo definitivamente e apesar disso aceitamos os seus sinais e suas manifestações*”.¹ O rito traduz e faz compartilhar o Sagrado por emanar essa força superior não palpável, não vista, não ouvida, mas apenas, e muito especialmente, sentida.

No momento da morte o ritual assume proporções que possivelmente não atinge em outros eventos da vida. Algo que se relaciona com a espiritualidade, ainda que seja mais claramente reconhecido pela religiosidade, já que esta é a forma palpável do homem amenizar seus questionamentos e se aproximar da transcendência. – “*a vida, ou a morte, sem essa busca de respostas, talvez não tivesse sentido ou fosse repleta de sofrimento*”.⁵

Não vamos aqui discursar sobre ritos de diferentes religiões, mas optamos por nos ater à unção dos enfermos, não como exclusividade a uma religião, mas como um bom e completo exemplo de ritual diante da morte. Deixar claro, em todos os seus aspectos a complexidade e a heterogeneidade do rito.

A unção dos enfermos, inicialmente denominada de Santa Unção ou Extrema Unção é um dos sacramentos da fé católica que originalmente era administrado somente ao agonizante e que hoje é oferecido àquele fiel que começa, por velhice ou doença, a estar em perigo de morte.

Constitui-se num perfeito rito, quando o ato de ungir com óleo e proferir palavras litúrgicas, procura dar, ao enfermo e à sua família, o conforto e a salvação dizendo: *“Por esta santa unção e pela sua puríssima misericórdia o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade alivie os teus sofrimentos”*.⁶

Ungir com óleo consagrado significa repetir um rito de Jesus e dos apóstolos, juntamente com a imposição das mãos para a cura.

O rito da unção dos enfermos vem de tempos bíblicos – *“Alguém dentre vós está sofrendo? Recorra à oração... Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da igreja, para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo no nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente, e o Senhor o levantará. E se tiver cometido pecados, receberá o perdão”*.²

Administrar a unção dos enfermos é um rito do sacerdote, que desencadeia outro do moribundo e da família – aquele do enfrentamento da iminência da morte. Remete-nos a lembrar de outro rito, aquele vivido por Cristo sofrendo pela humanidade.

Se nos deslocarmos para a mitologia, podemos ver que a própria morte também realiza um rito:

“Um dia, há muito tempo, um homem resolveu fazer um trato com a morte. Prometeu a ela que não ofereceria resistência quando sua hora chegasse. Mas pediu, em troca, que fosse avisado com antecedência porque queria ter tempo suficiente para terminar todas as suas tarefas. O acordo foi feito. Tempos depois, houve um acidente grave na cidade e muitos amigos do homem morreram. Anos mais tarde,

um vizinho próximo faleceu. Em seguida, foi a vez de um tio. Até que o homem ficou doente e, em alguns meses, encontrou-se com a morte. Ela tinha vindo buscá-lo. Revoltado, reclamou: ‘Eu pedi para que você me avisasse quando viria e não recebi um sinal!’. Ao que a morte respondeu: ‘A morte de seus amigos, do vizinho, do seu tio não bastaram?’”.⁷

Esta lenda nos mostra que também a morte tem seu tempo, seus avisos, suas mensagens, bastando que nós apenas estejamos prontos para ouvi-la, por mais que nos custe aceitá-la ou que não consigamos entendê-la.

Os ritos diante da morte também estão muito ligados às crenças e culturas de diferentes povos, em diferentes tempos. Isto podemos conhecer através da apresentação de uma cena do filme *“Povoado do moinho”* *“O cortejo segue alegre, pelas ruas do povoado. Crianças, jovens e adultos cantam e dançam durante todo o trajeto do enterro. Eles celebram a morte de uma das mulheres mais velhas da aldeia. O clima de festa surpreende o forasteiro, acostumado -como nós -à atmosfera sombria de boa parte da liturgia funerária ocidental. Um velhinho centenário, então explica ao rapaz que é uma honra encontrar a morte depois de uma existência tão plena como a daquela mulher. Por isso, tal fato merece comemoração”*.⁷

Se nos voltarmos para o rito ortodoxo diante da dormição (termo atribuído à morte), vemos que este, citando Leloup, se compõe de sete etapas: compaixão, invocação, unção, escuta, perdão, comunhão e contemplação – *“Assim termina o ritual da dormição na tradição ortodoxa. Sete etapas que são como que sete dons do Espírito Santo; sete maneiras de respirar junto de alguém. De respirar com o coração, a mão, a palavra, a comunhão e o silêncio...”*.³

Ainda, segundo Leloup, a unção do corpo lembra-nos de sua vocação de templo do espírito e que mais que isso, deveríamos viver este sentido no cuidado com um enfermo. –

*“cuidar do corpo de um moribundo pode ser vivido como uma tarefa sagrada! Uma qualidade de tocar, plena de respeito e ternura, é um equivalente simbólico do óleo que as tradições utilizavam para indicar a dimensão transcendental do corpo”.*³

No dia-a-dia, quando estamos longe da morte, realizamos inúmeros e inconscientes rituais; agregados a nossa rotina, vamos realizando-os sem nos darmos conta, sem buscarmos um significado, sem valorizarmos o fato. No entanto, diante da morte a vida parece estagnar e acabamos sendo forçado pensá-la de outra forma e mais que isso nos é natural preparar e compartilhar os ritos dessa etapa, não só como respeito ao falecido e seus familiares, mas para apaziguar, em nós, esse vazio que abruptamente ocorre em nossa vida, mesmo que não tenhamos um vínculo direto com o falecido; a simples ocorrência da morte de quem nós é próximo nos faz lembrar que ela sempre nos ronda.

Todo ritual realizado é, talvez, um pouco do cortejo acima citado no filme Povoado do moinho. Estamos sempre “comemorando” as boas vivências, sendo companheiros, reafirmando que aquela vida não se encerra verdadeiramente ali, pois algo superior, enraizado no coração e na memória permanecerão para sempre.

Talvez o maior rito que realizamos neste momento seja o do amor – aquele de nós para nós mesmos quando nos enxergamos no falecido; quando nos tornamos um só; quando incorporamos a falta do outro ao nosso íntimo. A hora de, como diz o rito ortodoxo “*De*

respirar com o coração, a mão, a palavra, a comunhão e o silêncio...”.³

Quando “voltamos” para a nossa vida, após o sepultamento, vamos iniciar outros ritos que já fazem parte de nosso cotidiano e muito especialmente vivermos os do luto para reaprendermos a viver. – “*é a fase de aprender que a morte deve ser tornada real, a partir do que se torna possível estabelecer novas concepções sobre o mundo, favorecendo investimentos pessoais*”.⁸

Há tempos atrás fazia parte do rito de morte, em nossa cultura, o uso de roupa preta simbolizando o luto, o que hoje é raramente utilizado por padrões culturais. Porém “*outro simbolismo clássico em nossa sociedade predominantemente católica é o ato religioso, mais comumente representado pela missa de corpo presente e a de sétimo dia*”.⁸

A manutenção de ritos a partir dessa fase vai depender da estrutura emocional e da história de vida de cada um. Não há regras; ocorrem ritos formais ou informais, conscientes ou inconscientes. Ritos apenas. E a certeza do Sagrado.

REFERÊNCIAS

1. Terrin NA. O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Editora Paulus; 2004. 448p.
2. Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola; 2001.
3. Hennezel M, Leloup JY. A arte de morrer. Tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Petrópolis: Vozes; 1999. 143 p.
4. Terrin AN. Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões. São Paulo: Paulus; 2004. 447 p.

5. Oliveira JBA. Repensando a espiritualidade diante da morte. Rev Pratica Hospitalar. 2008;59:183-5.
6. Vatican. Constituição apostólica. Sacramentum infirmorum sobre o sacramento da unção dos enfermos de sua santidade o Papa Paulo VI [Internet]. [Citado 2009 mar 27]. Disponível em: http://www.vatican.edu/holy_father/paul_vi/apost_constitutions/documents/hf_pvi_apc_19721130_sacram-unctionem_po.html
7. Vomero MF. Morte. Rev Super Interessante. 2002 fev;173:36-44.
8. Oliveira JBA, Lopes RGC. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. Psicol Estud. 2008 abr/jun;13(2):217-21.

Correspondência: João Batista Alves de Oliveira - Rua Amador Bueno 45, Centro – Caçapava SP – CEP 12281530